

Apresentação

Artigos

Em *Política mediada, democracia e elites*, Danilo Rothberg nos traz as sempre oportunas e necessárias análises sobre as relações entre política e sistema mediático. Por um lado, trata-se de levantar e julgar o grau de intencionalidade com que os meios de comunicação se lançam nas campanhas eleitorais, não tanto para informar, mas para favorecer seus interesses empresariais; por outro, cumpre observar procedimentos que, sob o disfarce de neutras rotinas profissionais, escondem aspectos desfiguradores da democracia, como é o caso dos padrões de enquadramento dos fatos políticos a partir de analogia com o jogo de futebol, corridas de cavalos etc., de modo a torná-los facilmente consumíveis como entretenimento, diversão. Aqui, o autor demonstra, expropria-se a política de suas funções relativas à criação e manutenção da ordem social, ou seja, à escolha jurídica e eticamente legitimada do poder.

Em *Cinema e guerra: objetivos e estratégias da política estadunidense no Brasil*, Tânia Quintaneiro dá-nos a visão do que foi a conquista do mercado cinematográfico brasileiro pelas empresas norte-americanas: nada de acordos entre cavalheiros ou competição justa, mas uma nova versão da ‘política do *big stick*’. No transcurso do período entre as duas guerras, os proprietários das casas exibidoras nacionais eram ameaçados de virem a fazer parte de ‘lista negra’ que de fato os levaria à falência, se, imediatamente, não cancelassem contratos de distribuição com empresas dos países concorrentes. Cumpre notar que da leitura do artigo, imediatamente fere nossa

compreensão o fato de que, não obstante a abertura do mercado a partir dos anos 90, o cinema, a TV, o vídeo etc. continuam veículos praticamente exclusivos da produção norte-americana, em detrimento não só de outras fontes culturais, mas principalmente da nossa.

Em *Considerações sobre a crise do modelo de 'cidadania regulada' inspirado por Oliveira Vianna*, Maria Emília Prado assenta suas proposições básicas no quadro de uma mundialização que, se e quando plenamente configurada, atrairia e transferiria nossa noção de pertinência e identidade, hoje ancorada no Estado nacional, para entidades de nível mundial a serem criadas. Justificam as proposições da autora fatos como o desenvolvimento da base tecnológica do capitalismo nesta passagem de séculos, que lhe “permite prescindir das fronteiras nacionais e mesmo considerá-las um impeditivo ao seu livre desenvolvimento”. Nessa ‘passagem’ de foco identitário, mais seria patente a vulnerabilidade de países como o Brasil, o qual, em certo sentido, não construiu uma solidariedade política nacional, nem concluiu a construção de um modelo de cidadania plena, universal, nessa questão não ultrapassando os limites de um padrão de ‘negociação’ de convivência particular, de tipo patriarcal, padrão que o Estado nascido nos anos 30 do século passado redefinirá sob a rubrica de ‘cidadania regulada’.

Seminário pensarBrasil 2022

Uma das bases estruturantes das ciências sociais é o conceito de objetividade histórica. Entre as ilações dele derivadas tem-se que os fenômenos sociais, obra da ação humana, trazem as marcas do determinismo causa-efeito: a história não deverá ser campo do acaso ou do milagre. Ainda como ilação do conceito, o agente histórico, no ato da projeção, da formulação utópica de seu devir, mais manifestaria seu poder de criador, que no momento da confirmação de suas impressões digitais num presente ou num passado determinados. Planejar é preciso.

Em 2022, portanto daqui a 17 anos, os brasileiros estaremos comemorando dois séculos de vida independente. E porque os pesqui-

sadores e profissionais do CEBELA não engrossamos as fileiras dos que relativizam nossa soberania ou se dobram aos desacertos de uma ou duas décadas ditas perdidas, ousamos convocar, sem laivos vanguardistas ou derrotistas, nossos compatriotas para, juntos, *pensarBrasil*, construindo as naus da Utopia que nos levem a horizontes de mais harmoniosa convivibilidade nesses mares tormentosos que se anunciam ao futuro dessa humanidade de que somos parcela numérica e qualitativamente significativa.

Os Seminários *Pensar Brasil 2022* têm objetivo claramente prospectivo. Mas não se trata de, partindo de projeções do Brasil de hoje, antecipar que Brasil teremos quando estivermos comemorando o bicentenário da Independência. O que queremos é afirmar agora que Brasil **queremos ter** em 2022 e, seguindo esse projeto, indicar o que precisamos fazer, já a partir de agora.

A série de Seminários *Pensar Brasil 2022* foi inaugurada em Brasília no dia 6 de abril no auditório do Hotel St.Paul, com as conferências dos filósofos Renato Janine e Leonardo Boff e do economista Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES, as quais publicamos neste número, iniciando, assim, a divulgação do acervo de todas as conferências e respectivos debates.

Primeiro evento de destaque na programação do CEBELA para o ano de 2005, a série de Seminários *Pensar Brasil 2022* conta com o patrocínio da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e o apoio da UNESCO e da Universidade de Brasília, por intermédio do CEAM – Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares. Às conferências inaugurais se seguirão mais quatorze mesas-redondas: a) Ciência e Tecnologia; b) Energia; c) Transportes; d) Educação; e) O Brasil no Mundo; f) O Estado que queremos; g) A Questão Metropolitana; h) Defesa e Segurança Nacional; i) Universalização da Saúde; j) Sistema Nacional de Comunicações; l) Desenvolvimento e Meio Ambiente; m) A Questão Agrária; n) A Integração Nacional e os Desníveis Regionais; e, finalmente, o) O Projeto de Desenvolvimento Nacional Brasileiro. A produção teórica desses eventos nas páginas dos próximos números de *C&p* começa neste número.

Notas e comentários

Aceitando o termo pelo qual os núcleos de propagação do discurso único explicam e porfiam por tornar fenômeno irrecorrível as grandes linhas transnacionais de reorganização geopolítica, Roberto Amaral em *Globalização e resistência cultural* nos pontua uma série de aspectos históricos que respondem pelos impactos de uma visão de mundo, língua, cultura e fluxos de mercadorias – linha de aríetes –, impelidos por força hegemônica contra nossas muralhas culturais a partir dos anos 90, mas desde sempre repelidos. Para o autor, ao repeli-los, “podemos pensar numa globalização fundada na igualdade e na solidariedade social, na construção do Estado do bem-estar social e na defesa do pleno emprego, no combate à exclusão, na construção da democracia participativa, no respeito às identidades nacionais, no entrelaçamento das afinidades culturais – língua, música, história –, na cooperação e no diálogo, no fortalecimento da negociação, na integração dos povos e na cooperação entre governos.”

Documentos

O instigante voto do NÃO

Com a queda do muro de Berlim, a globalização e a *pax americana*, a atual aliança de elites no poder na Europa e em várias partes do mundo, propõe-se destruir a obra de séculos de lutas pelo aperfeiçoamento de caras formas de convivência, principalmente na esfera dos direitos fundamentais do homem. No velho continente, justificadas por uma realidade tecnológica que elimina tempo e espaço, assim aproximando povos, culturas e, por óbvio, ‘mercados’, essas elites apressaram-se em pôr em marcha o ‘trem da unificação européia’. Como desdenham do que chamam povo, caberá aos oráculos do neoliberalismo a elaboração do Pacto, conforme a lei do mais forte. O que deveria ter sido um processo de permanentes consultas às populações, nem tanto considerando o quadro de marcadas diferenças culturais, mas as incertezas de um devir coletivo num mundo em crise, torna-se *fait accompli*, questão fecha-

da. Confiantes no que tem sido descrito como ‘apatia das massas’, as lideranças empresariais da UE arriscam-se numa operação de legitimação de seu tratado através de *referendum*. Não contavam com o nível de politização da opinião pública na França e na Holanda. E vimos no que deu. Com esse ‘não’, o povo europeu pede audiência. Esperemos os lances em seqüência. Aliás, não só os europeus, mas vários povos, nas ruas, em todo o mundo e aqui na América Latina, mais recentemente no Equador e na Bolívia, estão dizendo às suas elites que exigem ser ouvidos.

Mais com o fito de levarmos nossos leitores a se apropriarem de temas em debate na Europa, selecionamos alguns parágrafos (“Quais são os novos direitos?” e “A defesa com o aval americano”) do artigo *Décodage de cinq points clés du traité*, de Bernard Cassen (*Le Monde diplomatique*, edição de maio de 2005).

Cumbre América del Sur-Países Árabes – Declaración de Brasilia

As dimensões continentais do Brasil, a unidade de sua população em torno de valores ibéricos e de raízes afro-ameríndias, além da força do seu mercado interno e presença internacional, são fatos que há muito exigem das elites governantes o fim de certa atitude e posição caudatária em termos de política internacional. Em 10 e 11 de maio último, realizou-se em Brasília, por iniciativa brasileira, a *I Cúpula América do Sul-Países Árabes*, com a presença de chefes de Estado e altos representantes dos países convidados. A Declaração final deste evento, cuja versão em espanhol oferecemos aos leitores de *C&P*, faz a resenha de questões candentes no mundo atual, sublinhando consenso de visões e agendando acordos entre os países signatários.

Convocação contra o terrorismo e em defesa da humanidade

Chocada com a fieira de atos de violência bélica em curso no mundo após o 11 de setembro de 2001, uma grande parcela da opinião pública mundial tem-se mostrado indiferente ou incapaz de criticar a conceituação de terrorismo gestada nos meios de comunicação a partir daquele evento: ações armadas de grupos revolucionários, fundamentalistas, contestatórios, criminosos, contra alvos estatais, sacrificando civis. Mas em nome da verdade cumpre dizer que a

ação terrorista permanente, originária, antes que de grupos privados, tem partido de Estados mobilizados por governos sectários, alçados a cavaleiro de quaisquer normas de convivência civilizada. E terrorismo atrai terrorismo. Não nos esqueçamos da Operação Condor no Cone Sul ou de Sabra e Chatila, no Líbano. É o que nos lembra, levantando provas, o documento *Llamamiento contra el terrorismo y en defensa de la humanidad*, lavrado ao final do Encontro Internacional Contra o Terrorismo e pela Verdade e Justiça, ocorrido em Havana nos dias 2, 3 e 4 de junho.

Resenha

Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural – comunicação e teoria crítica da sociedade: Mariana Baieler Soares nos apresenta este livro de Fernando Rüdiger, cujo conteúdo aprofunda o entendimento das relações entre capitalismo e cultura – binômio que constitui a indústria da consciência, conforme denominação do autor. Por óbvio que em tese uma tecnologia não é boa nem má. Na medida em que determinada linha tecnológica formata, como mercadoria – algo cujo consumo se quer exponenciado –, criações do mundo simbólico visando ao lucro imediato, mais para preenchimento de vazio ou ócio existencial, dificilmente essa tecnologia e a dinâmica que a impele podem se nos mostrar como neutras.

Renato Moscateli nos traz sua visão e comentários sobre o recente lançamento de Marcos Antônio Lopes, *Voltaire político: espelhos para príncipes de um novo tempo*, livro que conclui a trilogia iniciada com *Voltaire o literário* e *Voltaire o historiador*. A resenha destaca aspectos das reflexões de Marcos Antônio Lopes que, aprofundando análises sobre Voltaire e seu mundo, estabelecem pontos de intercessão com o nosso, processo sem o qual estaria rompido o fluxo histórico que nos interliga, ou seja, a cultura a que pertencemos. Nesse sentido, o livro é um vetor que, em torno da análise a aspectos característicos do pensamento voltairiano, nos conecta à antiguidade, ao século das luzes, à contemporaneidade.